

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

O SENTIDO ALÉM DA APARÊNCIA

MANOEL MEDRADO DE SOUZA

81'42
S725/2
Ex 1
C92573289

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	6646
Data	08 / 02 / 02

PONTES E LACERDA

2001

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

O SENTIDO ALÉM DA APARÊNCIA

MANOEL MEDRADO DE SOUZA

Ensaio Monográfico apresentado para a
conclusão do curso de Letras – Universidade
do Estado de Mato Grosso – Campus
Universitário de Pontes e Lacerda.

PONTES E LACERDA

2001

Dedico este trabalho a minha
mãe e a minha irmã Valdeci,
que sempre me apoiaram em
meus estudos.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela sua infinita bondade que iluminou e dotou-nos de forças suficientes para execução deste trabalho.

À minha família que foi paciente e otimista comigo, em especial à Dalva, minha esposa e meus dois filhos, Júnior e Vítor, os quais apoiaram-me para terminar mais esta jornada.

A uma amiga especial que me ajudou nas horas difíceis de inglês, Gleide Oliveira Moura.

À professora Cleunice Maria de Andrade Silva, pela ajuda e paciência.

À minha orientadora: Tereza Pazos da Silva, pelas broncas, esperas e principalmente pelos ensinamentos.

À direção da escola Getúlio Vargas, pelo apoio dispensado.

Ao professor José Leonildo Lima, por estar sempre presente com a piadinha para alegrar-nos durante os quatro anos.

*Somos educados para ser escrivães e
não escritores. Utilizamos a escrita
para registrar falas de textos alheios,
mas quando temos que criar um texto
nosso, aparecem muitas dificuldades.*

SAMIR MESERINI

ÍNDICE

Apresentação	7
A Teoria	8
Sistematização De Dados	16
O Sentido Além Da Aparência	17
Considerações Finais	24
Bibliografia	25

APRESENTAÇÃO

Partimos para a execução deste trabalho impulsionados por uma inquietação que nos acompanhou durante todo o curso de Letras.

Assim sendo apresentamos neste uma questão relacionada à produção de textos com coesão, coerência dentro da textualidade, na visão de estudiosos como Koch, Travaglia, Suárez dentre outros, os quais constituem o apoio teórico para análise dos textos em estudo.

Esta pesquisa originou-se a princípio, da tentativa de entender o porquê dos alunos encontrarem dificuldades em produzir textos.

Essa escolha deve-se ao fato da coerência e coesão serem fatores muito importantes na produção de texto, já que são estes elementos que dão a textualidade ou textura ao texto.

A referida análise será feita texto a texto, sendo que serão analisados três textos; dois deles retirados de uma apostila cedida pelo professor de Produção de Textos, no primeiro semestre nessa Instituição, no ano de 1997, e em um texto do aluno da 5ª série da Escola Municipal Getúlio Vargas.

O material que serviu como corpus para o presente trabalho está em anexo.

Esperamos que com a leitura deste texto o leitor possa averiguar o quanto os fatores mencionados são relevantes para uma produção textual.

A TEORIA

É no texto que a linguagem, desempenha seu papel de interlocução ou diálogo. Produzir e ler um texto significa, dizer alguma coisa a um interlocutor observando determinados padrões de textualidade, ou, atribui sentidos ao que ele diz, mantendo com o autor uma unidade significativa global.

Discutiremos neste ensaio monográfico a estruturação de textos com coesão e coerência, para isso teremos que abordar a noção de textualidade. Inicialmente definiremos coesão segundo a visão de alguns estudiosos.

Em sua obra clássica coesão textual, Halliday e Hasan (1976) apresentam o conceito de coesão textual, como algo semântico, isto é, que se refere as relações de sentido existentes no interior do texto e que o definem como um texto.

Segundo eles, a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro. HALLIDAY e HASAN (IN KOCH,1976:17).

Assim, entende-se que a coesão dentro da produção textual estabelece uma relação de sentido, ligando um conteúdo a outro, dando forma e consistência para uma boa produção textual.

Segundo Koch (1997) no interior do texto, há mecanismos que permitem estabelecer, entre os elementos lingüísticos, relações de sentido, são os chamados elementos coesivos que se referem a palavras anteriores, como os pronomes, os sinônimos que evitam a repetição de palavras anteriormente empregadas, as conjunções que servem para amarrar as partes do texto estabelecendo conexões entre elas, ou ainda, os advérbios que formam nexos temporais locativos, etc.

Para Weinrich (1996):

O texto é uma estrutura determinativa, cujas partes são interdependentes, sendo cada uma necessária para a compreensão das demais. Essa interdependência é devida, em parte, aos diversos mecanismos de sequenciação existentes na língua. (WEIRINCH In KOCH,1996: 49)

Nesta mesma perspectiva Halliday e Hasan afirmam que os principais fatores de coesão são: a referência, a substituição, a elipse, a conjunção e a coesão lexical.

Estes elementos de referências os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmo, mas remetem a outros itens do discurso necessários a sua interpretação. HALLIDAY E HASSAN (IN KOCH, 1996:20)

Já a substituição na visão desses autores consiste na colocação de um item em lugar de outro elemento do texto, ou até mesmo, de uma oração inteira. Para eles:

a principal diferença entre substituição e referência é, que, nesta a total identidade referência entre o item de referência e o item pré-suposto, ao passo que na substituição ocorre sempre alguma redefinição. Idem, 21

Dando seqüência na definição dos mecanismos de coesão, os autores descrevem a elipse que seria uma substituição por zero. Assim sendo omite-se um item lexical, um sintagma, uma oração ou todo um enunciado, facilmente recuperado pelo contexto.

Para os referidos autores a conjunção permite estabelecer relações significativas específicas entre elementos ou oração do texto. A coesão lexical para Halliday e Hasan é omitida por meio de dois mecanismos: a reiteração e a colocação; segundo eles, a reiteração se faz por repetição do mesmo item lexical, ou através de sinônimos hiperônimos e nomes genéricos. E a colocação consiste no uso de termos pertencentes ao mesmo campo significativo.

Marcuschi, define os fatores de coesão como: aqueles que dão conta da estruturação da seqüência superficial do texto. MARCUSCH IN KOCH 1983: 18. O autor afirma ainda que não se trata de princípios meramente sintáticos, mas de uma espécie de semântica textual, isto é, dos mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer entre os elementos lingüísticos do texto relações de sentido.

Contrapondo as idéias de Halliday e Hasan que vêem a coesão como condição necessária embora não suficiente para criação de texto. Marcuschi mostra que:

não se trata de condição necessária, nem suficiente, porque para este autor existem textos destituídos de recursos coesivos, mas em que a continuidade se dá ao nível de sentido e não ao nível das relações entre os constituintes lingüísticos. (KOCH,1986:18)

Por outro lado há textos em que ocorrem um seqüenciamento coesivo de fatos isolados que assim permanecem e com isto, não tem condição de forma uma textura Para Beaugrande e Dressler (1981) *a coesão concerne ao modo como os componentes da superfície textual*, isto é, as palavras e frases que compõem um texto encontram-se conectadas entre si numa seqüência linear por meio de dependência de ordem gramatical. BEAUGRANDE e DRESSLER (In KOCH, 1986:18).

Ingedore (1986) afirma que o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de seqüencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação lingüística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual.

Charolles (in Koch 1986: 69) ressalta que o uso dos mecanismos coesivos

ressalta que o uso dos mecanismo coesivos tem por função facilitar a interpretação do texto e a construção da coerência pelos usuários. No entanto seu uso inadequado pode dificultar a compreensão do texto.

Se isso acontecer, isto é, se seu emprego estiver em desacordo com sua função o texto parecerá destituído de seqüencialidade, a que dificultará a sua compreensão e, portanto, a construção da coerência pelo leitor-ouvinte.

De posse das informações sobre a coesão na produção de texto, veremos o que dizem os estudiosos sobre a coerência. Nortearemos nosso embasamento teórico nos pressupostos de Koch e Travaglia entre outros autores.

Koch e Travaglia consideram que a coerência não está no texto em si, mas se

estabelece numa relação texto/escritor/leitor, na medida que o texto vai sendo entendido pelo leitor, ocorre uma interação, pois o leitor interage com o texto, sua compreensão não depende apenas da maneira como se combinam os elementos lingüísticos, mas também de seus conhecimentos exteriores ao texto.

Neste sentido veremos que a:

Coerência está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido par ao texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada a inteligibilidade do texto numa situação de comunicação é à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto. (Koch e Travaglia, 1995:21)

Sabemos que um amontoado de idéias ou frases soltas não constitui um, pois texto é preciso que haja coerência entre elas. Portanto ao produzir um texto teremos que ter em mente uma preocupação: a clareza do que será escrito, para que o leitor possa estabelecer uma unidade de sentido.

Texto é uma unidade concreta (perceptível pela visão e audição) que é tomada pelos usuário da língua (falante/escritor/ouvinte/leitor) em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida independente de sua extensão. (Koch e Travaglia, 1995: 21)

Segundo estes últimos estudiosos o autor ao produzir seu texto procura dar a ele uma função comunicativa para alcançar o efeito desejado, isto é, a coerência, para que seu leitor possa entendê-lo. Dessa forma a coerência tem a ver com a produção de texto na medida que quem o faz quer que seja entendido, por seu interlocutor, conforme se supõe pelo princípio da cooperação (Koch e Travaglia, 1997:13)

A coerência, tem em princípio, a função de interpretação do texto, pois cria uma relação entre o mundo real e o textual, dando assim sentido ao texto para o leitor.

Para que possamos estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos neles ativados e o nosso conhecimento de mundo, pois, caso contrário, não teremos condições de construir o mundo textual dentro do qual as palavras e expressões do texto ganham sentido. (Koch e Travaglia, 1995:63)

Vimos que a coerência não é uma propriedade do texto, mas ela se constitui através da propriedade do texto, isto é, através da interação entre escritor e leitor. A coerência é algo que se estabelece no interior do texto, na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários. Assim, o leitor passa a estabelecer uma unidade de sentido, compreendendo o texto.

Para Koch e Travaglia 1997:

A coerência, portanto, longe de constituir mera qualidade ou propriedade do texto, é resultado de uma construção feita pelos interlocutores, numa situação de interação situação, sociocultural e interacional. (Koch e Travaglia, 1997: 41)

Quando há interrupções nas unidades de sentido do texto, o que leva o leitor a ter dificuldade em interagir-se com o mesmo, dizemos que o texto é incoerente. Segundo Koch e Travaglia, 1997: *a coerência diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculada aos sentidos.*

Já o fator coesão contribui para uma unidade de sentido no texto, segundo Koch e Travaglia, 1995: 40, *a coesão é explicitamente revelada através de marcas lingüísticas, índices, formas na estruturada seqüência lingüística e superficial do texto, o que lhe dá um caráter linear, uma vez que se manifesta na organização seqüencial do texto.*

Percebe-se então que a coesão é um dos fatores que ajudam na constituição do texto, não para dar formas às estruturas, mas sim, para organizar os movimentos lingüísticos que aparecem no texto dando sustentação na formação das idéias desenvolvidas na produção

textual, assim sendo a coesão ajuda a estabelecer a coerência na interpretação do texto, porque surge como uma manifestação superficial de coerência no processo de produção desses mesmos textos. (Koch e Travaglia, 1995:42)

Porém, não se pode dizer que um texto é coerente, tomando por base apenas a coesão, pois uma série de disposições a ser consideradas. Para Koch e Travaglia é preciso ter conhecimento lingüístico, de mundo, das inferências, do conhecimento partilhado, aceitabilidade, intertextualidade, relevância, entre outros, no entanto, nenhuns desses fatores podem ser considerados isoladamente para a produção coerente, porque:

(...) é por tudo isso que ao explicarmos o que é coerência textual, ou ao tentarmos determiná-la em um texto, não é suficiente apontar as relações que devem existir, ou existem entre os elementos que representam superficialmente o texto, mas é necessário considerar o processo total, desde a intenção comunicativa do produtor (falante/escritor) do texto até as estruturas lingüísticas em que se manifesta finalmente esta intenção. BERNÁRDEZ (In Koch e Travaglia, 1995: 43)

Sabendo desses outros recursos de coerência pode-se dizer então que não há textos incoerentes em si, pois para compreender um texto o leitor terá que ter o mínimo possível de recursos exteriores. Uma vez que um texto pode ser incoerente para uns e pode ser coerente para outros ou vice-versa. O certo é que depende muito do grau de compreensão de cada leitor.

Tudo isso ratifica a conceituação de coerência como um princípio de interpretabilidade e nos leva a posição de que não existe texto incoerente em si, mas que o texto pode ser incoerente em para determinada situação comunicativa. (Koch e Travaglia, 1995:50)

Muitos autores dizem que não há textos incoerentes em si, no entanto, Koch e Travaglia mostram a possibilidade do texto ser incoerente. Para eles, isso ocorre quando há um grande mau uso dos elementos lingüísticos no texto, tornando assim impossível a compreensão do leitor.

Para Koch e Travaglia 1995:50, *o mau uso dos elementos lingüísticos e estruturais cria incoerência a nível local.*

No entanto, nem sempre que houver emprego indevido de um elemento lingüístico haverá incoerência local, pois, às vezes, mesmo com esses empregos é possível estabelecer a coerência.

Sabendo que a coerência não está no texto e sim na interação entre escritor e leitor, torna-se necessário que o autor saiba para que tipo de público vai escrever.

Nesse sentido:

O texto será incoerente se seu produtor não souber adequá-lo à situação, levando em conta a intenção comunicativa, objetivos, destinatários, regras socioculturais, outros elementos da situação uso dos recursos lingüísticos, etc. caso contrário, será coerente.
(Koch e Travaglia, 1995: 50)

Para abordarmos o aspecto textualidade faz se necessário apresentarmos algumas informações sobre textualidade ou textura. Segundo Koch e Travaglia (1997) é a que faz de uma seqüência lingüística um texto e não um amontoado aleatório de frases ou palavras . Essa seqüência é entendida como um texto quando o leitor é capaz de constituição de significado.

Nesse sentido e com base nos pressupostos sobre coerência os referidos autores afirmam que é o aspecto coerência que dá origem a textualidade.

Como a textualidade é constitutiva do processo de produção e compreensão de textos, pressupõe a percepção das relações textuais, das referências de um texto a outro. Essa percepção depende, dos saberes do leitor, principalmente de seus conhecimentos literários e culturais.

Haliday e Hasan, 1976 (In Koch e Travaglia, 1997:27), afirmavam que: *o que dá textura é a coesão. Esta concepção hoje não é mais aceita , porque existem muitos textos sem coesão que apresentam coerência , portanto , são classificados como textos .*

Assim a escola deve dar condições para o aluno, ampliar seu repertório cognitivo isto significa dizer que os professores precisam propiciar aos alunos leituras que levem à apreensão dos diálogos que os textos travam entre si, porque entendemos que só dessa forma os alunos tornarão escritores competentes.

Para Suárez, 2000:12, um texto: *não é uma unidade construída por uma soma de sentenças, mas pelo encadeamento delas, criando assim uma trama semântica a que damos o nome de textualidade.*

Uma outra possibilidade seria utilizar palavras sinônimas do termos que deverão ser retomados em sentenças subseqüentes. Podemos usar nesse processo sinônimos super ordenados ou hiperônimos, ou seja, palavras que correspondem ao gênero do termo a ser retomado, em coesão.

Para Suárez 2000:15, outro: *procedimento é variar os mecanismos de coesão, embora se diga que a preferência por determinado processos de coesão textual poderia ser tomada com uma marca de estilo pessoal.*

Alguns estudiosos afirmam que tais padrões de textualidade dizem respeito as conexões que se estabelecem no texto, tanto no que se refere as partes e idéias que se constituem, quanto as relações explícitas ou implícitas que podem ocorrer entre o texto produzido e outros textos. Nota-se então que ninguém é dono da palavra, do discurso.

O texto não e um simples aglomerado de frases, pois, no interior dele, o significado das frases não é autônomo.

Para se escrever um bom texto, é necessário se ter claro para quem se está escrevendo, bem como, porque , se escreve para alguém.

É preciso colocar-se no lugar do possível leitor, imaginando suas reações e dificuldades para compreender o que se diz do enunciado.

Por isso o texto deve apresentar seqüências, unindo as partes entre si, fluindo harmoniosamente, estabelecendo relações entre uma parte e outra.

Há textos que se constróem como expressão espontânea de experiências já constituídas, e há textos que são trabalhos de representação das experiências, constituindo-se no resultado de um longo trabalho prévio mediante outros instrumentos (inclusive outros textos) de operação sobre a realidade.

Cada texto constitui um ponto de vista distinto e põe em realce, ou em posição de fundo, diferentes aspectos da realidade: Um mesmo tema pode ser tratado a partir de muitas expectativas distintas. Um dos aspectos mais importantes da escrita é saber manifestar esses diversos pontos de vista; na leitura, é descobrir o que é relevante em cada texto e conseguir

situar-se convenientemente no posto de observação escolhido pelo autor, compreendendo suas intenções e seus propósitos.

É com base nos pressupostos teóricos aqui apresentados que faremos a análise de três textos.

SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS

Os textos que constituíram como **corpus** para a análise em questão, foram escolhidos de maneira aleatória.

Um dos textos analisados fora produzido por um aluno da 5ª série, na Escola Municipal Getúlio Vargas. A fim de preservar a identidade do mesmo, em momento algum mencionaremos o nome do autor. Os demais textos foram retirados de uma apostila cedida pelo professor da disciplina Produção de Textos, no 1º semestre do ano de 1997, nesta Instituição.

Optamos por realizar a pesquisa somente com consultas aos teóricos, que abordam as questões coesão, coerência e textualidade, porque estes são os problemas que os alunos mais apresentam nas suas produções textuais.

O SENTIDO ALÉM DA APARÊNCIA

Para analisarmos os textos a seguir no campo da coesão, coerência e textualidade, enfocaremos as teorias apresentadas por Koch, Travaglia, Suárez entre outros estudiosos das referidas teorias.

Essa análise será importante para uma melhor compreensão de como os fatores coerência, coesão fazem falta, ou seja, norteiam o sentido de entendimento da mensagem que o autor quer passar a seu leitor, isto é, são os referidos fatores que fazem com que haja textualidade.

Segundo Beaugrande e Dressler (1998:35), esses elementos:

constituem os padrões mais evidentes da textualidade, não são, por si só, suficientes para estabelecer fronteiras absolutas entre textos e não textos, já que as pessoas muitas vezes utilizam textos que, por várias razões, não se apresentem totalmente coesos e/ou coerentes.

O primeiro texto a ser analisado, o qual identificaremos como texto "A", apresenta coerência na sua mensagem, porém, não traz em si nenhum elemento de coesão, como vemos:

TEXTO A

A Pesca
O anil
O anzol
O azul
O silêncio
O tempo
O peixe

O texto apresentado aqui é de fácil entendimento para o interlocutor, pois o próprio título "A Pesca" sugere o assunto que o autor irá tratar.

Vemos que neste texto a idéia, isto é, a mensagem que o autor retrata, está clara, porque ele descreve uma pescaria em um dia de sol, no rio de água azul, local este onde o silêncio é imprescindível para a boa pescaria, o tempo referido pelo autor é a espera do pescador para fregar o peixe .

Súarez, 2000: 12, diz que *um texto não é uma unidade construída por uma soma de sentenças, mas pelo encadeamento semântico delas(...)*. Neste caso, percebemos o encadeamento das idéias descritas pelo autor do texto que, remetem o leitor à busca do conhecimento de mundo que fora citado por Koch e Travaglia afirmam que:

a coerência, portanto, longe de constituir mera qualidade ou propriedade do texto, é resultado de uma construção feita pelos interlocutores, numa situação de interação dada , pela atuação conjunta de uma série de fatores de ordem cognitiva, situacional, sociocultural e interacional. (KOCK e TRAVAGLIA, 1989: 41)

Notamos que o texto não tem elementos de coesão, mas nem por isso dificulta o entendimento dos sentidos da mensagem que o autor quer transmitir ao leitor.

Para Koch,1995:41, isso ocorre: *porque a coerência diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos .*

Do modo como o texto fora apresentado vemos que realmente não são os elementos de coesão que garantem a textualidade ao enunciado, mas sim a soma de vários fatores, situação, a seqüência dos fatos, os conhecimentos cognitivos e prévios, entre outros.

TEXTO B

O texto "B", apresentado a seguir, fora produzido por um aluno da 5ª série na Escola Municipal Getúlio Vargas. Notamos que a deficiência dos elementos coesivos, dificulta o entendimento do leitor. Estaremos mostrando o texto na íntegra para a melhor compreensão do leitor;

na minha casa eu queria qui tivesi uma corredor para que eu venhese para escola mais não tem eu também queria que tivesse um caminho melho para mim mais não tem mais eu estou muito contente porque eu estou aqui na escola estudando na minha Casa eu queria que fosse como aqui na Cidade mais não é como qui eu estou muito feliz por te esta escola para eu estuda todo os dia eu queria que tivesse qui na escola um quadra melho e um campo mais muito bom e eu gosto muito de estuda aqui esta escola porque aqui tem muita escoisa boa a minha escola tem quadra bom tem sala tem patio e tem um bliblioteca e uma sala de vidéo

(Mantido a grafia original)

O texto mencionado traz informações superficiais do assunto que o autor deseja passar. No entanto, sua textualidade é comprometida pelo difícil encadeamento das idéias propostas pelo autor.

Na concepção de Suárez 2000:12, isso ocorre porque a maioria das pessoas constróem razoavelmente a textualidade na língua oral. Conforme podemos constatar:

"na minha casa eu queria que tivesse um corredor para eu vinhesse para a escola mas não tenho eu também queria que tivesse um caminho melho para mim mais não tem..."

Notamos que não só a preposição *para*, repete várias vezes, como também o pronome *eu* o que demonstra que a oralidade interfere na escrita.

Percebemos que, mesmo com toda essa marca de oralidade o autor procura dizer neste primeiro trecho, de uma maneira bem clara, que deseja que o seu acesso à escola seja facilitado através de um melhor caminho. Portanto a coerência aparece mesmo que escondida pelo contexto.

Suárez 2000:12, *um texto não é uma unidade construída por uma soma de sentenças, mas pelo encadeamento semântico delas.*

Isto significa dizer que não é somente colocando palavras aleatórias que formaremos um texto.

Segundo Koch 1999:41, a coerência diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração vinculadora de sentidos.

Percebemos que, mesmo apresentando uma idéia no começo do texto, o autor não dá seqüência a ela, pois, ao prosseguirmos com a leitura de seu texto a idéia original desaparece, isso prova que o autor não soube adequá-lo à situação inicial.

É o que acontece no trecho a seguir.

"...estou aqui na escola estudando na minha casa eu queria que fosse como aqui na cidade mas não é como qui como aqui na cidade mas não é como qui estou muito feliz por esta na escola ..."

Este trecho dá-nos a idéia de incoerência, devido a ausência de pontuação e acentuação o que ocorre em todo o texto. Falta ainda a seqüência lógica do enunciado que vinha sendo discorrido desde o começo do assunto, cremos que esta seqüência tenha ficado prejudicada pelo uso inadequado da segunda conjunção mas. (KOCH e TRAVAGLIA 1995:50), diz que *o texto é incoerente se seu produtor não souber adequá-lo a situação levando em conta à intenção comunicativa.*

Verificamos que na parte final do texto o autor descreve duas situações sobre a escola, no primeiro momento ele destaca a falta de uma quadra melhor, já no final do texto, seu discurso é contraditório, pois, quando fala que a quadra da sua escola é boa.

Vejamos esta passagem "...eu queria qui tivesse qui na escola uma quadra melho...a minha escola tem quadra boa ..."

Segundo Suárez 2000:13, *a repetição do termo da sentença, anterior, faz com que haja ruptura no plano semântico*, o que causa a quebra de sentido no enunciado.

Uma sugestão para amenizar este problema é que o autor, deveria utilizar palavras e expressões sinônimas nos termos a serem retomados.

Poderemos então, após este estudo procurar reestruturar este trecho da seguinte forma:

Na minha casa, eu queria que houvesse um corredor ligando à escola. No entanto, como isso é impossível, a prefeitura poderia estar pavimentando o caminho que me leva até a escola.

Mesmo sem estas condições, estou contente por estar estudando. Estou feliz porque posso freqüentar a escola todo dia.

Seria bom se tivéssemos aqui na escola uma quadra melhor e um campo. Mas tudo bem, o importante é que gosto de estudar nesta escola.

Em compensação para suprir a necessidade da quadra boa e do campo, temos boas salas de aula, um bom pátio biblioteca e uma sala de vídeo.

Mesmo com as dificuldades de se chegar a escola, eu adoro estudar.

Ao analisarmos o texto em questão vemos que mesmo com as deficiências em sua produção o referido texto apresenta um certo grau de coerência, pois o sentido que o autor quer passar ao leitor é facilmente recuperado pela sequência aos fatos.

TEXTO C

O texto "C", apresenta-nos uma série de aspectos relacionados a coerência e coesão e textualidade. A sua mensagem, é comprometida pelo deslocamento das palavras de ordem sintática, semântico a falta de conectivos à ligação de uma sentença à outra dificulta e muito a compreensão das idéias apresentadas pelo autor;

Vejamos o texto:

João Carlos vivia em uma pequena casa construída no alto de uma colina árida, cuja frente dava para leste. Desde o pé da colina se espalhava em todas as direções, até o horizonte uma planície coberta de areia. Na noite em que completava 30 anos, João, sentado nos degraus da escada colocada à frente de sua casa, olhava o sol poente e observava como a sua sombra ia diminuindo no caminho coberto de grama. De repente, viu um cavalo que descia para a sua casa. As árvores e as folhagens não o permitiam ver distintamente; entretanto observou que o cavalo era manco. Ao olhar de mais perto verificou que o visitante era seu filho Guilherme, que há 20 anos tinha partido para alistar-se no exército, e, em todo este tempo, não havia dado sinal de vida. Guilherme, ao ver seu pai, desmontou imediatamente, correu até ele, lançando-se nos seus braços e começando a chorar.

No trecho:

"João Carlos vivia em uma pequena casa construída no alto de uma colina árida, cuja frente dava para leste (...) vi um cavalo que descia para sua casa", constatamos a ausência de textualidade, pois as idéias apresentadas pelo autor não têm uma sequência de sentidos.

A troca do verbo descia pelo verbo subir dá ao leitor a idéia de que alguém vinha ao encontro da casa de João Carlos, o que na sequência original não ocorre.

Notamos este fato ocorre quando o autor descreve que a casa de João ficava no alto da colina, portanto é incoerente dizer que alguém descia a colina para sua casa. Outro fato que merece destaque é a paisagem descrita em relação à colina, "árida", sabemos perfeitamente que a aridez não condiz com o terreno típico de uma colina.

Para Suárez 2000:12, o encadeamento semântico que produz a textualidade se chama coesão. Podemos definir mais especificamente, a coesão, dizendo que se trata de uma maneira de recuperar, em uma sentença B, um termo presente em uma sentença A.

O autor neste trecho não recupera a coesão e coerência da sentença seguinte, pois, sabemos que o sol nasce a leste, e vemos no trecho acima que sua casa tinha a frente voltada para o nascente, em uma colina árida. Este fato torna claro que João não poderia ver o sol poente, sua sombra diminuindo em um caminho coberto de grama, sendo que o mesmo estava sentado à frente de sua casa a noite. Trocamos ainda a palavra noite por tarde complementando a idéia com elementos coerentes visando uma melhor compreensão do leitor.

Segundo Koch, 1998:41, *coerência, longe de constituir mera qualidade ou propriedade do texto, é resultado de uma construção feita pelos interlocutores e, vemos que isso não ocorre com a leitura do referido trecho.*

Cremos que o trecho ficaria melhor estruturado assim:

Na tarde de seu trigésimo aniversário, João, sentado nos degraus da escada colocada ao lado de sua casa olhava o sol poente e observava a sombra da casa diminuindo no caminho coberto pela grama.

Para Ingedore 1998:41, *para que se estabeleça as orações adequadas entre tais elementos e o conhecimento entre interlocutores, torna-se necessário na maioria dos casos, proceder a um cálculo recorrendo-se as estratégias interpretativas.*

Notamos incoerência também neste trecho, quando o autor descreve a idade do filho de João.

"... era seu filho Guilherme, que há 20 anos tinha partido para alistar-se no exército..."

Lembre-mos que no texto isso ocorre no dia que João completava 30 anos. Ao somarmos as idades (pai e filho), percebemos que a soma não condiz com as informações dadas pelo autor não batiam, pois, a idade mínima para o alistamento no exército é de 18 anos. Então constatamos que Guilherme ao retornar à casa de seu pai estaria com 38 anos, portanto, 8 anos mais velho que o próprio pai.

Para Koch 1998:42, neste caso exige *determinadas entidades, através do conhecimento de mundo compartilhado há necessidade de introduzir contextualmente entre o interlocutor.*

O conhecimento que a autora refere-se é o cálculo que o leitor terá que fazer em uma leitura profunda deste trecho para averiguar a coerência desta informação dada pelo autor.

Nossa sugestão para o trecho:

"... era seu filho Guilherme que havia partido há muito tempo para alistar-se no exército..."

Vemos que em todo o texto as informações estão distorcidas, porém o leitor com uma leitura profunda entenderá a mensagem transmitida pelo autor, não através do amontoado de palavras, mas pelo contexto, ou ainda pelo conhecimento próprio sobre os fatos narrados .

Ingedore, 1998:41, diz que:

a coerência não está no texto, é verdade também que ela deve ser construída a partir dele, levando-se em conta os recursos coesivos presentes na superfície textual, que funcionam como pistas ou chaves para orientar o interlocutor na construção dos sentidos.

Creemos que para a compreensão dos sentidos seria bem melhor se o texto fosse assim reescrito.

João Carlos vivia em uma pequena casa construída no alto de uma colina verdejante, cuja frente dava para leste. Desde o pé da colina se espalhava em todas as direções, uma planície coberta por verdes bosques.

Na tarde de seu trigésimo aniversário, João, sentado nos degraus da escada colocada ao lado de sua casa, olhava o sol poente e observava a sua sombra diminuindo no caminho coberto pela grama.

De repente, viu um cavalo que subia para sua casa. As árvores e as folhagens não o permitiam ver distintamente, entretanto, observou que o cavalo era manco. Ao olhar de mais perto verificou que o visitante era seu filho Guilherme, o qual havia partido há muito tempo para alistar-se no exército, e não havia mais dado notícias.

Guilherme ao ver seu pai, desmontou imediatamente, correu até ele e lançou-se em seus braços começando a chorar.

Creemos que as reestruturações aqui apresentadas, bem como as análises feitas servirão somente como um princípio básico para posteriores estudos, pois como sabemos toda leitura é polissêmica e assim sendo deixamos o espaço para, que o leitor também, faça suas interpretações, isto é, atribua os possíveis sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após efetivada a análise dos textos acima, feita com base nos pressupostos teóricos sobre coerência, coesão e textualidade, de Koch, Travaglia e Suárez, constatamos que os textos analisados não se definem como incoerentes, pois, estes apresentam apenas erros de sentidos na sua textualidade ou textura . O que demonstra a falta de esclarecimento de seus autores no tocante ao assunto discorrido neste ensaio.

Desta forma, podemos dizer que os autores dos textos apresentados aqui, vêem a coerência na superfície textual, pois fatores como coesão e textualidade aparecem nos mesmos.

Percebemos também que nem sempre quando um elemento lingüístico estiver empregado inadequadamente haverá incoerência local, porque, às vezes, com esse emprego haverá possibilidade de compreensão.

Diante do presente estudado vemos que o leitor para definir o texto como incoerente, precisa ter em mente um pouco das teorias apresentadas aqui, ter conhecimentos referidos ao espaço sócio-cultural, cognitivo entre outros. Necessário se faz também que o leitor atenha-se à possibilidade de sentido do que lê, pois como vimos o sentido que os leitores constróem no/a partir do texto depende de outros fatores conforme demonstramos.

Cremos que o presente estudo muito contribuiu para o nosso crescimento profissional, porque doravante teremos outra postura diante a produção textual de nossos alunos.

BIBLIOGRAFIA

KOCH, Ingedore G. Villaça. O Texto e a Construção dos Sentidos. São Paulo: Contexto. 1997 (Caminhos da Lingüísticas)

_____. A Coesão Textual. São Paulo: Contexto. 8 ed, 1996 (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)

_____. e Travaglia, Luís Carlos. A Coerência Textual. São Paulo: Contexto 6 ed, 1995 (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

_____. Texto e Coerência. São Paulo: Cortez, 5 ed. 1997 (Biblioteca de Educação- Série 5º - Estudos de Linguagem).

MESERINE, Samir. Redação Escola: Criatividade. Editora Ática. 1995, São Paulo.

SÚAREZ, Antônio Abreu. Curso de Redação. 11 ed. Editora Ática. São Paulo.

ANEXOS

TEXTO A

A pesca

O anil

O anzol

O azul

O silêncio

O tempo

O peixe

Texto B

na minha casa eu queria que
tivesse um corredor para eu ir e vir
para a escola mas não tem eu
também queria que tivesse um caminho
lho para mim, mas não tem estou aqui
na escola estudando na minha casa eu
queria que fosse como aqui na cidade
mas não é, como aqui como aqui na cidade
mas não é como aqui estou feliz por
estar na escola eu queria que
tivesse aqui na escola uma
quadra melhor e campo mas
não tem. minha escola tem
quadra, boa, biblioteca, campo,
Grande sala de aula sala de
rádio e gosto de estudar aqui na
escola

TEXTO C

João Carlos vivia em uma pequena casa construída no alto de uma colina arredondada, cuja frente dava para leste. Desde o pé da colina se espalhava em todas as direções, até o horizonte, uma planície coberta de areia. Na noite em que completava 30 anos, João, sentado nos degraus da escada colocada à frente de sua casa, olhava o sol poente e observava como a sua sombra diminuindo no caminho coberto de grama de repente, viu um cavalo que descia para sua casa. Os árvores e as folhagens não o permitiam ver distintamente; entretanto observou que o cavalo era branco. Ao olhar de mais perto verificou que o visitante era seu filho Guilherme, que a 20 anos tinha partido para alistar-se no exército, e, em toda esse tempo, não havia dado sinal de vida. Guilherme, ao ver seu pai, desmontou imediatamente, correu até ele, lançando-se nos braços e começando a chorar.